

Pixação e cidade: uma apropriação artístico-fotográfica

Cíntia Corona¹

A pixação está presente nos muros, nas fachadas, portas, postes, pontes, ruínas, monumentos e tantas outras superfícies que possam servir de suporte e de tema. Em “Outros espaços”, Michel Foucault (2001) elabora o conceito de heterotopias, que significa o espaço do outro, espaços que funcionam em condições não-hegemônicas, que têm múltiplas camadas de significação. Para Foucault, são nestes espaços que estão as tensões que se exercem pelas relações de poder de uma sociedade determinada. A pixação parece ser este espaço heterotópico, ela instiga a criação de “[...] outro espaço, outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso” (FOUCAULT, 2001, p. 420).

A prática da pixação enfrenta obstáculos relacionados à apropriação e ressignificação dos muros da cidade. Desde a sua emergência a pixação é representada socialmente como sujeira ou contravenção, no entanto alguns pesquisadores já consideram tal prática uma expressão do campo das artes visuais. Este trabalho justifica-se, então, por tentar refletir sobre a pixação, bem como sobre suas relações com a prática fotográfica que a captura e desloca, inserindo-a em outros sistemas de circulação de imagens.

Jean Baudrillard, no artigo “Kool Killer”, afirma que: “[...] ambos, tanto muros pintados como grafites, nasceram após a repressão das grandes revoltas urbanas de 66/70” (BAUDRILLARD, 1976, p. 319). Em todo caso, os muros aparecem historicamente como foco de disputa semântica e territorial.

Nas décadas de 1970 e 1980 em New York, de acordo com Nicholas Ganz em O mundo do grafite (2011), enquanto alguns pixadores e grafiteiros eram presos, outros foram convidados a expor em museus e galerias ao redor do mundo, por exemplo, K. Haring e Basquiat.

¹Aluna de Artes Plásticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolve pesquisas e intervenções urbanas relacionadas à pixação, cidade, apropriação e fotografia. Autora do blog ruacorona.blogspot.com.

Considerando a pluralidade através das quais aparecem as pixações no Brasil, Arthur Lara na dissertação *Grafite arte urbana em movimento* (1996), classificou 03 tipos de pixação encontrados na década de 1970: 1) relacionadas à Ditadura Militar: “Abaixo a ditadura”; 2) relacionadas com frases subjetivas e poesias; 3) pixações semelhantes à publicidade: “Cão fila Km 26”.

Foi durante a década de 1990, de acordo com Sérgio Franco (2005), que a pixação se consolidou nas metrópoles brasileiras e teria sido um elemento definidor na formação de alguns sujeitos, já considerados artistas possuidores de uma técnica específica.

Mais recentemente, em 2008, a pixação imposta a três instituições – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Galeria Choque Cultural e Bienal de São Paulo - levantou um debate recorrente, segundo o qual a pixação poderia ser arte; por outro lado, levantou também questionamentos sobre uma possível institucionalização e domesticação do caráter transgressor da pixação.

A pixação seria entendida como uma prática essencialmente marginalizada, transgressiva, questionadora das noções de patrimônio público e/ou privado. Costumam ser caracterizadas por inscrições ou assinaturas, em geral executadas com tinta spray, de uma só cor, de execução rápida e repetitiva, feitas principalmente no horário noturno (ANTONACCI, 1994; GITAHY, 1999; SOUZA, 2008; FRANCO, 2005).

A interpretação das intervenções dos pixadores no espaço urbano não deve se restringir a um exame do significado de suas palavras, pois funcionam, na maioria das vezes, justamente na contramão do sentido; são propositadamente ilegíveis ou destituídas de significado preciso. Conforme Baudrillard, o caráter transgressor dessa escrita se dá precisamente por operar como significantes vazios. Trataria-se de signos que operam em relação a outros signos. A “intuição revolucionária” de que são portadores viria da percepção de que a “[...] ideologia não mais funciona no nível dos significados políticos, e sim no dos significantes, e que é bem aí onde o sistema é vulnerável e deve ser desmantelado” (BAUDRILLARD, 1996, p. 320).

A relação com os “nomes” – que funcionam subversivamente como pseudônimos, alegorias de assinatura –, tocam no problema da autoria e da apropriação, questões

importantes tanto do ponto de vista da noção de propriedade, quanto para o debate em torno da fotografia no campo da arte.

A questão da apropriação relaciona-se diretamente com a questão da autoria, buscando questionar a função do autor, tensionando-a. As pixações encenam e alegorizam a assinatura como parte indissociável do sistema de atribuições na produção artística. A relação entre a pixação e a apropriação está baseada na tensão entre o anonimato e a autoria:

Estes nomes ao avesso [...], têm uma verdadeira carga simbólica: elas são feitas para serem dadas, trocadas, transmitidas ou se religarem entre si indefinidamente no anonimato, mas um anonimato coletivo, no qual estes nomes são como termos de uma iniciação, deslocando-se de um pólo para outro e trocando-se tão bem que acabam não sendo, a exemplo da língua, propriedade de ninguém (BAUDRILLARD, 1996, p. 319).

As pixações se apropriam do cenário urbano, estabelecendo um embate – na maioria das vezes, crítico – com a cidade, que vem sendo objeto de apropriações questionáveis por parte do Estado e do âmbito privado. Se a apropriação da pixação ataca a apropriação anteriormente praticada pelas relações de poder materializadas na cidade, a fotografia – como prática indissociável da ideia de apropriação – pode provocar mais uma dobra de apropriação na prática da pixação. Dessa forma, o trabalho que propomos visa à apropriação crítica da apropriação da apropriação (CRIMP, 2005).

A estratégia do projeto, realizado simultaneamente às reflexões teóricas, parte de uma pesquisa artístico-fotográfica de pixações, sobretudo de tags, na cidade de Vitória, ES. Com a fotografia é possível capturar e deslocar a pixação, inserindo-a em outros sistemas de circulação de imagens. A proposta é usar a imagem como objeto de intervenção devolvendo-a ao meio urbano de onde foi retirada. Essa reinserção pretende subverter o funcionamento próprio das imagens técnicas no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo que a apropriação das “assinaturas” permite uma dobra na pixação, propondo um embate com os próprios pixadores, questionando – como Barthes (2004) e Foucault (2001) - a ideia de autoria como expressão de um sujeito individual, aspecto crítico potencialmente presente em suas atividades.



Fotografia *Atl*, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Mévus, Cíntia Corona, 2013.



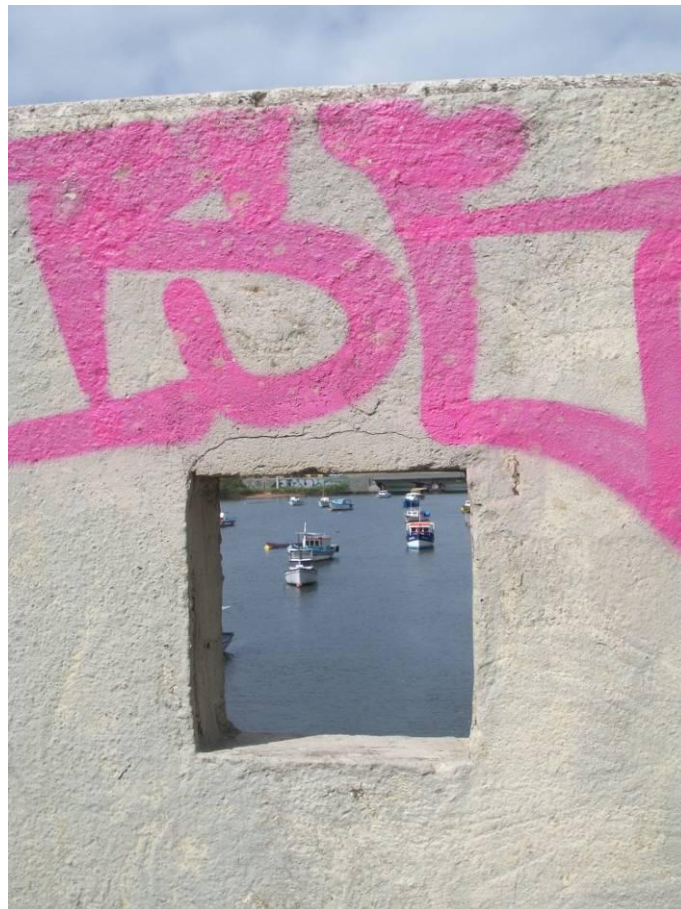
Fotografia Hebe, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Ratos, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Ford, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Senna, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Pezão, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Rosário, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia Spray, Cíntia Corona, 2013.



Fotografia nº1309, Cíntia Corona, 2013.

Referências Bibliográficas

ANTONACCI, Célia. *Grafite, pixação & Cia.* São Paulo: Annablume, 1994.

BARTHES, R. A morte do autor. In: *O rumo da língua.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- BAUDRILLARD, Jean. Kool Killer ou a Insurreição pelos signos. In: *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1996.
- CRIMP, Douglas. Apropriando-se da apropriação. In: *Sobre as ruínas do museu*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. O Que é um autor? In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense, 2001.
- _____, Michel. Outros espaços. In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense, 2001.
- FRANCO, Sérgio. *Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 2005.
- GANZ, Nicholas. *O mundo do grafite: Arte urbana dos cinco continentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LARA, Arthur. 1996. *Grafite arte urbana em movimento*. São Paulo: dissertação de mestrado, USP.
- NOGUEIRA, Cristiana. *(Im)permanência do traço: rastro, memória e contestação*. In: PRACS, Revista Eletrônica do Curso de Ciências Sociais, UNIFAP, N° 2, 2009.
- SOUZA, David. *Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento*. Dissertação Mestrado Programa de Pós-graduação em Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais UFRJ, 2008.